



Raoni disse que Romero Jucá está ganhando dinheiro com madeira e minérios

Raoni acusa presidente da Funai de matar os índios

"O Jucá está matando os índios. Eu não gosto dele. O Jucá ganha muito dinheiro com a venda da madeira retirada das áreas indígenas. Ele também ganha muito dinheiro com as áreas de garimpo. Dá só um pouquinho para os índios e fica com a maior parte". Assim o cacique Raoni Metuktire, da tribo dos Txucarramãe, manifestou ontem, em entrevista coletiva, o seu descontentamento com a presença de Romero Jucá Filho na presidência da Funai e com a política em prol dos índios executada pela entidade. Raoni pediu a saída de Romero Jucá, afirmando que toda a nação indígena se sente prejudicada com a administração da Funai, uma vez que a mesma deixou de prestar real assistência aos índios, preferindo, em troca, defender os interesses de grupos empresariais, ao permitir a exploração das áreas indígenas, mediante propostas conciliatórias entre os silvícolas e as empresas.

Essa é a primeira vez que o líder Txucarramãe vem a Belém, seguindo ontem mesmo para Barcarena para visitar o complexo industrial da Albrás/Alunorte, onde, à noite, vai proferir a palestra "Como o Índio Protege o Meio Ambiente", no encerramento da VI Semana do Meio Ambiente, promovida pela empresa. Acompanhado na coletiva pelo diretor do Parque Nacional do Xingu, cacique Megaron, seu sobrinho e provável sucessor, que serviu de intérprete, juntamente com o índio Pátakan, pelo cacique Pesséia, dos Krenhakorê; e pelo índio Wai-Wai, Txucarramãe; Raoni afirmou que o presidente da Funai tem dificultado as conversações com os índios na defesa de seus interesses e, segundo ele, uma vez chegou até a colocar a polícia e os cães em cima dos índios, quando foram até à Funai tentar um diálogo com a administração do órgão. "Semana passada, ele me chamou para conversar, mas eu não quis vê-lo. Quando eu voltar a falar com o Jucá, ele vai apanhar muito de mim", disse o cacique, acrescentando que se tornou impossível o diálogo com a atual gestão da Funai.

O processo histórico de degradação coletiva a que estão submetidos os índios, em todo o Brasil, foi relatado por Raoni no atual panorama de devastação do meio ambiente, em especial nas florestas virgens e áreas indígenas, que são reconhecidas oficialmente como patrimônio natural e que devem ser preservadas e protegidas. Falando no idioma metuktire, Raoni esclareceu que o objetivo de sua visita é manter contatos com "os chefes maiores de vocês", para falar sobre o povo indígena. Segundo ele, a devastação ambiental promovida pelo uso irracional das fontes naturais de recursos, por parte das empresas exploratórias, garimpos e madeireiras, chegou a um ponto inaceitável, pondo em



O cacique advertiu contra os efeitos do desmatamento

risco não só a sobrevivência dos índios, como também o equilíbrio da estrutura ecológica, da qual todos dependem.

Sarney não cumpriu as promessas. Usando uma linguagem simples e direta, o líder Txucarramãe lembrou que a construção de usinas hidrelétricas, na Amazônia, está comprometendo cada vez mais a permanência dos índios em suas regiões de origem, pois o limite das áreas demarcadas, ou que são reconhecidas como espaços indígenas, está diminuindo para dar lugar aos lagos formados pelas hidrelétricas. "As usinas estão acabando com a metade das nossas matas e com os nossos alimentos", observou Raoni, acusando, também, o presidente José Sarney de não ter cumprido a promessa de que uma área, onde vivem os índios Kramare e Pituiarô, próxima ao Parque Nacional do Xingu, entre o Pará e o Mato Grosso, seria resguardada e protegida. Conforme declarou, a região sofrerá modificações radicais, uma vez que começaram a ser expedidos alvarás que permitem a exploração dos recursos naturais da região. Nesse sentido, Raoni criticou, novamente, o posicionamento do presidente da Funai, acusando-o de ser conivente com os projetos das hidrelétricas, que excluem a participação e a opinião indígenas na elaboração das propostas.

Constituinte. A aprovação do capítulo do Índio, pela Assembléia Nacional Constituinte, foi tratado com reservas por Raoni. Para ele, o fato de não haver nenhum índio participando da elaboração da Carta é uma constatação de que qualquer proposta de defesa dos interesses indígenas deve ser acompanhada com cautela. Raoni afirmou, ainda, que "muita coisa que foi aprovada pela Constituinte será boa para os índios", mas manifestou preocupação com a virtual aplicação dos dispositivos previstos na Constituição.

No Ver-O-Peso, a curiosidade

A visita que o cacique Raoni fez ao Ver-O-Peso, ontem pela manhã, despertou a curiosidade dos que se encontravam na área. Trajando uma camisa verde de mangas compridas e calça de brim preto, Raoni foi logo cercado pelos meninos que trabalhavam no local, que ficaram admirados, sobretudo, com o largo botoque que usa no lábio inferior. Cumprindo a programação elaborada pela Albrás/Alunorte, o cacique Txucarramãe visitou primeiro a feira, onde chegou às 7h30, e as suas primeiras impressões não foram muito favoráveis com o que viu: "Isso aqui cheira mal", disse ao cacique Megaron, seu intérprete. Além da sujeira da área, Raoni também ficou impressionado com alguns bêbados que dormiam na calçada da Ladeira do Castelo, quando passou pela Feira do Açai antes de se dirigir até o Forte do Castelo.

Na coletiva, ele disse aos jornalistas que viu muitas plantas medicinais e outras processadas em laboratórios sendo vendidas na feira e lembrou que se a devastação da floresta continuar, em pouco tempo nada mais restará do patrimônio e das riquezas nativas que podem curar as doenças dos homens. Durante a entrevista, Raoni tirou a camisa, devido ao calor que fazia, expondo o avantajado porte físico. Sempre fazendo um relacionamento do que viu no Ver-O-Peso com o que ainda pode ser encontrado em abundância nas matas, Raoni disse que a atual fase de contaminação dos rios da Amazônia também põe em risco o equilíbrio ecológico da região, uma vez que os peixes estão desaparecendo. Os índios já estão sentindo a escassez dos produtos nativos, afirmou, lembrando que quando uma parte de um rio é poluída, a correnteza e a chuva se encarregam de distribuir os poluentes em todo o percurso dos rios.

Depois da coletiva, na Assessoria de Comunicação Empresarial da Albrás, Raoni visitou o Bosque Rodrigues Alves, onde foi recebido pela administradora do parque, Marisa Freitas. Na rápida passagem pelo bosque, que se encontra em reformas, o cacique manifestou novamente

a sua preocupação com a preservação do meio ambiente. Ele lembrou que o corte indiscriminado de madeira na região, para dar lugar aos pastos, compromete o equilíbrio ecológico da Amazônia, que precisa da camada vegetal para manter a temperatura e as condições propícias ao desenvolvimento da fauna e da flora. "Depois que tocam fogo e queimam os vegetais, nada mais presta. Não nasce mais nada. Isso entristece bastante o meu povo", observou contrariado o líder Txucarramãe.

Programação

Terminada a visita ao "Rodrigues Alves", Raoni seguiu para Barcarena, juntamente com os caciques Megaron e Pesséia e o índio Wai-Wai. Depois de um almoço com os operários, técnicos e dirigentes da Albrás, na praia do Capiry, a comitiva seguiu para o Centro de Divulgação da empresa, no porto de Vila de Conde. Uma visita às instalações da Alunorte e ao complexo industrial de alumínio, seguido de um jantar no Cabana Clube encerrou a programação de visitas. Hoje, o cacique e seus acompanhantes cumprirão o restante da programação em Barcarena, quando visitarão inicialmente o Colégio Anglo-Americano.

Em seguida, serão visitados os vários setores que compõem o sistema de monitorização, fiscalização e controle ambiental. Depois, a comitiva visitará o viveiro de produção de mudas de vegetais nobres, exóticos e medicinais; o projeto de enriquecimento de floresta nativa; a reserva de eucaliptos; os projetos comunitários e as praias que envolvem a microregião em que se localiza o complexo alumínio de Barcarena.

À noite, às 20 horas, no cinema da Co-debar, Raoni pronunciará a palestra "Como o Índio Protege o Meio Ambiente", encerrando a VI Semana do Meio Ambiente da Albrás/Alunorte. Amanhã, a comitiva regressa a Belém, onde visitará o Museu Emilio Goeldi e o parque zoológico e as coleções especializadas daquela instituição científica.